

Resumos Expandidos**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO DE GEOGRAFIA COM JOVENS EM VULNERABILIDADE SOCIAL FRENTE A COVID-19**Samara do Nascimento Souza¹
Júlia Katia Borgneth Petrus²
Darlene Costa da Silva³Área: **Ensino****Introdução**

O estágio docente compõe uma das etapas obrigatórias no processo formativo do discente em licenciatura. É neste momento que o acadêmico passa a colocar em prática os saberes e aprendizados obtidos na teoria durante a graduação, além de oportunizar novas experiências e vivências no espaço escolar.

No entanto, mediante ao atual cenário pandêmico, causado pelo vírus do Sars-Cov-2 (Covid-19) a relação presencial com o espaço escolar passou a ser delineada por fatores limitantes. O afastamento social foi um dos imperativos que definiu esse processo, onde utilizou-se do Ensino Remoto Emergência (ERE) para dar continuidade aos processos formativos escolares e educacionais. No entanto, essa nova modalidade de ensino não atendeu

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA) | samaracazemiro999@gmail.com

² Universidade Federal do Maranhão (UFMA) | julia.petrus@ufma.br

³ Universidade Federal do Pará (UFPA) | darlene-silva1@hotmail.com

igualmente a todos, tornando ainda mais desigual o acesso a educação, sobretudo, aos jovens em situação de vulnerabilidade social na cidade de Altamira

Nesse sentido, o presente ensaio tem como objetivo analisar a escolarização de jovens estudantes em vulnerabilidade social, no contexto da pandemia do Covid-19, tendo como locus empírico uma escola pública de ensino médio na cidade de Altamira-PA.

Metodologia

A abordagem metodológica da pesquisa é qualitativa, primada pela subjetividade dos dados analisados. Destaca-se que este trabalho é resultado de análises e observações feitas a partir do estágio supervisionado III do curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) realizado na Escola Estadual de Ensino Médio na cidade de Altamira-PA.

Para tal, foi realizado uma entrevista semiestruturada com o professor titular de geografia da referida escola, tendo como foco central os aspectos ligados a escolarização das juventudes em vulnerabilidade social, no contexto pandêmico. Além disso, foi realizado também a revisão e leitura bibliográfica de artigos, livros, e outras produções científicas que tematizam fatores relacionados as juventudes, pandemia, vulnerabilidade, escolarização e estágio supervisionado em geografia.

Resultados e Discussões

A participação no estágio supervisionado é uma etapa enriquecedora na formação do futuro professor, como salienta Pimenta e Lima (2006, p. 20) é nesta etapa de formação que são desveladas a “(...) análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, de modo a compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta e as dificuldades.” Sendo possível identificar fatores essenciais, que estão para além da atuação profissional, a exemplo, a vivência no espaço escolar atrelada a escolarização dos jovens, uma vez que as redes de sociabilidades tecidas entre professor e educando são estabelecidas por meio do espaço escolar, sendo modeladas no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, a escola para o jovem é “(...) espaço de produção e transmissão de

saberes conhecimentos úteis a vida, a continuidade dos estudos e trabalho” (CAVALCANTI, 2016, p. 135).

No entanto, recentemente esta aproximação cotidiana com o espaço escolar passou por alguns ajustes, sendo estes, intrinsecamente ligados aos desdobramentos causados pela pandemia da Covid-19, um fenômeno que reordenou a vida cotidiana de milhares de brasileiros em diferentes segmentos, inclusive na esfera educacional e escolar.

As *hashtags* publicadas como #fiqueemcasa e #aescolacontinua acabaram ecoando de diferentes formas para pessoas de diferentes classes sociais, pois os efeitos desencadeados pela Covid-19 não seguiram um padrão homogêneo de impacto no âmbito educacional, uma vez que, a nova modalidade de ensino adotada pelas instituições escolares passam a fazer uso de tecnologias digitais como celular, computador, aplicativos e internet, tendo o *ciberespaço* como um meio para continuidade das aulas em casa sob a supervisão dos responsáveis legais.

E nesse contexto os jovens estudantes em condições de vulnerabilidade social da rede pública de ensino, marcados pelas mazelas da desigualdade social, sentiram rigorosamente as consequências da crise sanitária e epidemiológica, reverberando nas trajetórias educacionais das juventudes. Mediante a esse cenário foi possível notar no III estágio docente algumas problemáticas, das quais, destacam-se a alta evasão escolar, e o desapeço pelos estudos sendo esses fatores escamoteados pela vulnerabilidade social dos jovens intensificada durante a pandemia.

Compreende-se que a vulnerabilidade social apresenta-se enquanto fator de desvantagem social ligada a condição socioeconômica, na qual o arranjo desse processo concentra na “(...)exclusão social dos sujeitos. Estas situações se originam no processo de produção e reprodução de desigualdades sociais (...)” (BRASIL, s./d.:11) Apud Lima (2016, p. 23).

Essa realidade não foge ao que os jovens estudantes da escola em questão na cidade de Altamira-PA, tem vivenciado. Apesar de ser uma escola localizada no centro da cidade, a mesma não compartilha de uma estrutura tecnológica e sanitária que atenda as demandas provenientes da Covid-19. Tendo em vista que a atual conjuntura, passou a ofertar a escolarização no modo remoto, onde os estudantes são levados a utilizar recursos tecnológicos para minimamente acompanhar as aulas em suas casas, no entanto, a realidade da educação

pública não estava preparada para receber tais transformações, nem mesmo a realidade vivida pelos estudantes, visto que a maioria dos alunos são oriundos de áreas periféricas da cidade, os quais em sua maioria são jovens de baixa renda.

Tal realidade ratifica-se por meio de um levantamento feito pelo Instituto de Economia e Pesquisa Aplicada (IPEA, 2020), onde estado do Pará representa um percentual de 62% de escolas de nível fundamental e médio sem o acesso à internet. O estudo conclui que “A pandemia do Covid-19 aprofundou as desigualdades no sistema educacional brasileiro, no que se refere à infraestrutura sanitária e tecnológica.” (IPEA, 2020).

Tal afirmação é reforçada a partir da entrevista realizada com o professor de geografia da referida escola, ao relatar que o processo formativo no ensino regular durante a pandemia ocasionou uma queda no número de alunos presente nas aulas, isto é, na lista esses estudantes continuavam matriculados, mas no decorrer das aulas online, que se deu por meio de apostilas e encontros virtuais, muitos estudantes não estavam presentes. Isto se deve ao fato da maioria desses sujeitos não terem em suas residências o acesso a internet de “boa qualidade”, como Wifi, assim como a insuficiência ou ausência de equipamentos eletrônicos como o computador de mesa, notebook ou tablets.

Somado a esse fator o professor entrevistado destaca ainda que a exclusão digital concatenada a vulnerabilidade social, principalmente, ligadas ao aspecto financeiro acaba por corroborar na evasão dos estudantes.

De acordo com o diagnóstico realizado pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE) no ano de 2020 e 2021 o número de jovens estudantes que evadiram subiu de 23% em 2020 para 43% em 2021 devido a pandemia, essa problemática concentra-se em torno das dificuldades financeiras no núcleo familiar e difícil adaptação ao ensino remoto, como bem destaca o trecho da entrevista com o professor regente:

“Essa garotada não tinha perspectiva antes e agora estão só em casa, curtindo a sua casa, e outros tiveram a oportunidade de trabalhar pra ajudar na renda familiar e estão vendo o dinheiro entrando, e pensa “eu vou estudar e terminar o ensino médio que não vai servir de nada na minha vida, ou eu vou trabalhar e ganhar dinheiro? E não entro no mérito de julgar, mas assim a dificuldade está aí, está posta e essa garotada não tem quem mostre uma perspectiva melhor pra eles, porque nem a família cobra muito da educação, as vezes o garoto não acredita na educação porque a família não acredita na educação. É uma galera com baixa expectativa e que não consegue ver na educação como algo transformador, a gente que é da Universidade, ver que a educação era negada e que isso foi conquistado, e pensamos que temos que valorizar porque o ensino foi

conquistado, mas um aluno do ensino médio não tem essa visão.” (Professor de Geografia. Altamira-PA. 2021.)

Com base no trecho da entrevista acima as condições de permanência na escolarização das juventudes, sobretudo, do ensino médio é um fator excludente no contexto da pandemia, sobremaneira aos jovens oriundos de camadas populares em vulnerabilidade social, uma vez que o atual cenário suprime as condições econômicas de famílias carentes, o que leva muitos jovens ao trabalho informal para auxiliar nas despesas domésticas, deixando os estudos em segundo plano. Isto aponta para o que Andrade, Farah e Neto (2007, p. 56) tratam como trajetórias escolares irregulares “marcadas pelo abandono precoce, as idas e vindas, as saídas e os retornos, podem ser assumidas como importantes sinais de que diferentes grupos de jovens vivem e percorrem o sistema de ensino.”

Considerações Finais

As consequências que atravessam as trajetórias educacionais, e, portanto, a escolarização dos jovens em vulnerabilidade social em meio ao contexto pandêmico permeia diversas problemáticas. Tal reflexão foi possível mediante as observações feitas no decorrer do estágio supervisionado III em Geografia, no qual teve como recorte espacial uma escola pública de ensino médio em Altamira-PA.

Nesse sentido, evidenciou-se que a escola enquanto espaço de formação educacional e, portanto, de escolarização, apenas realçou a dimensão da exclusão social e das desigualdades que seguem de modo predominante na sociedade. Uma vez que o contexto pandêmico da Covid-19 agudizou tais desigualdades, afetando sobremaneira os jovens estudantes da rede pública de ensino, atravessados pela vulnerabilidade social, haja vista, que as condições de acesso ao novo modelo de ensino emergencial passam a ser estritamente celetista e segregacionista, apartando determinadas classes sociais, como a “garotada” da camada popular a um desigual acesso à educação, muito em função da exclusão digital, escamoteada pela vulnerabilidade social e condições financeiras das famílias carentes. Tendo problemáticas que permeiam a alta taxa de evasão escolar, reverberada no ingresso precoce de jovens ao mercado de trabalho acompanhados pela não qualificação formal, além do déficit no ensino e aprendizagem.

Portanto, entende-se que o cenário pandêmico apenas intensificou e descortinou as problemáticas que já estavam postas acerca do sistema educacional e conseqüentemente da escolarização dos jovens, deixando-os ligeiramente as margens da sociedade.

Referencias:

ANDRADE. E.R; FARAH NETO. M. **Juventudes e Trajetórias Escolares: conquistando o direito à educação. In: Juventudes: outros olhares sobre a diversidade.** organização, Miriam Abramovay, Eliane Ribeiro Andrade, Luiz Carlos Gil Esteves. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007

CAVALCANTI. L. S. **O olhar geográfico em formação: Jovens estudantes de geografia e desafios urbanos contemporâneos.** ASSIS PAULA. F.; CAVACANTI. L. S; PIRES. L. M. (Org.) Os jovens e suas espacialidades. Editora Espaço Acadêmico. Goiânia. 2016.

Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada. **A infraestrutura sanitária e tecnológica das escolas e a retomada das aulas em tempos de covid-19.**

Juventudes e a Pandemia do Coronavírus. Atlas das Juventudes. Disponível em: <[Juventudes e a Pandemia do Coronavírus - Atlas das Juventudes](#)>. Acessado em: 20/03/2022.

LIMA. F.A. **Territórios de vulnerabilidade social: Construção metodológica e aplicação em Uberlândia-MG.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Uberlândia. Instituto de Geografia. 2016. Disponível em: <[TerritoriosVulnerabilidadeSocial.pdf \(ufu.br\)](#)> Acessado em: 10/03/ 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Revista Poésis, Niterói, v. 3, p. 11-33, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poesis/article/view/10542/7012>. Acesso em: 21 maio 2021.